



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL**

---

---

**DAIANE LIMEIRA FERNANDES FRAGA**

**REALIDADE E FICÇÃO: JORGE AMADO NO PROCESSO DE  
DESCONSTRUÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS NO ROMANCE *GABRIELA,  
CRAVO E CANELA*.**

**DOURADOS-MS  
2014**

**DAIANE LIMEIRA FERNANDES FRAGA**

**REALIDADE E FICÇÃO: JORGE AMADO NO PROCESSO DE  
DESCONSTRUÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS NO ROMANCE  
*GABRIELA, CRAVO E CANELA.***

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Letras Habilitação Português-Inglês da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra Ana Claudia Duarte Mendes

**DOURADOS-MS  
2014**

F87r Fraga, Daiane Limeira Fernandes

Realidade e ficção: Jorge Amado no processo de desconstrução dos estereótipos no romance Gabriela, Cravo e Canela. Daiane Limeira Fernandes Fraga. Dourados, MS: UEMS, 2014.

38p. ; 30cm

Monografia (Graduação) – Letras – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2014.

Orientadora: Prof. Dr<sup>a</sup> Ana Claudia Duarte Mendes

1. Literatura 2. Amado, Jorge – 1912-2001 3. Mulheres 4. Estereótipo 5. Patriarcalismo. I. Título

CDD 23.ed. - 303.385

**DAIANE LIMEIRA FERNANDES FRAGA**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL  
CURSO DE LETRAS HABILITAÇÃO PORTUGUÊS/INGLÊS  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**REALIDADE E FICÇÃO: JORGE AMADO NO PROCESSO DE  
DESCONSTRUÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS NO ROMANCE  
*GABRIELA, CRAVO E CANELA.***

**APROVADO EM: \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/2014**

---

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Ana Claudia Duarte Mendes  
UEMS - Dourados

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Lucília Teodora Villela de Leitgeb Lourenço  
UEMS - Dourados

---

Prof<sup>ª</sup>. MSc Gabriela Wendisch  
UEMS- Dourados

## **DEDICATÓRIA**

Dedico à minha mãe, por ser guerreira; ao meu pai, por ser meu orgulho; aos meus irmãos Diego e Vinicius que sempre me ajudaram;

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me abençoado e protegido em todos os momentos, por sua compaixão e amor; a toda minha família, ao meu pai Ernesto Rodrigues Fraga, por ser sempre companheiro, torcer pelo sucesso dos filhos; à minha mãe Maria de Fatima Limeira Fernandes Fraga, de caráter inigualável, por todo o aprendizado, por amar a mim e meus irmãos de forma incondicional, e aos meus irmãos Diego e Vinícius, por serem pessoas maravilhosas, e de forma geral a todos eles pelo amor, carinho, palavras de incentivo, conforto, apoio e reconhecimento; aos meus amigos, pela amizade, compreensão e carinho; as minhas tias Alaíde Rodrigues Fraga, Inês Rodrigues Fraga e Nair Rodrigues Fraga, a minha madrinha Laíde Tafarelo e padrinho João Ribeiro, por toda ajuda e apoio a mim destinado desde que eu era criança; a minha orientadora, prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Ana Claudia Duarte Mendes, pelas aulas de Literatura Brasileira e por assim despertar minha vontade em trabalhar com uma obra nacional, por ser sempre essa pessoa alegre e que trata a todos com carinho e pelo grande apoio na elaboração deste trabalho, enfim, meu muito obrigada, lembrarei sempre da senhora com muito carinho e admiração; aos meus professores, todos sem exceções, por todo o conhecimento transmitido, paciência, dedicação e por permitir meu amadurecimento ao longo do curso; e aos meus colegas de sala, pelo suporte e companheirismo durante os anos de curso.

## RESUMO

Este trabalho tem o intuito de analisar as personagens femininas presentes no romance *Gabriela, cravo e canela*, do autor baiano Jorge Amado, obra publicada em 1958. A análise divide-se em duas partes: mulheres subversivas e mulheres da ordem. Considerando o contexto em que a história se passa, serão analisados os papéis ocupados por elas na sociedade fictícia de Ilhéus, ressaltando como o patriarcalismo oprime, impõe regras e contribui para o atraso da emancipação das mulheres. Será feita uma breve abordagem histórica da trajetória feminina, o Ser mulher, os estereótipos criados ao longo da história e a luta das mulheres para alcançarem a igualdade de sexo dentro da sociedade patriarcal. Amado procurou expor suas opiniões ao longo da narrativa, de certa forma mostrando sua insatisfação com os costumes, e assim buscando romper com eles por meio dos personagens. Para a elaboração deste trabalho buscou-se apoio nos estudos de Beauvoir (1970), Bonnici (2007) e Perrot (2012). Os autores citados contribuíram para a base teórica deste trabalho.

Palavras chaves: literatura; Jorge Amado; mulheres; estereótipo; patriarcalismo.

## **ABSTRACT**

This work aims to analyze the female characters in the novel *Gabriela, Cravo e Canela*, by the Bahian author Jorge Amado, a work published in 1958. The analysis is divided into two parts: subversive women and women of the order. Considering the context in which the story takes place, the roles occupied by them in the fictional society of Ilhéus will be reviewed, highlighting how the patriarchy oppresses, enforces rules and contributes to the delay of women emancipation. A brief historical approach to women's history, the Being female, the stereotypes created throughout history and the struggle of women will be done to achieve gender equality within the patriarchal society. Amado sought to expose their opinions throughout the narrative in a way showing their dissatisfaction with the customs, and thus seeking to break with them through the characters. To prepare this paper we sought support on the studies of Beauvoir (1970), Bonnici (2007) and Perrot (2012). These authors contributed to the theoretical corpus of this work.

Key-words: literature; Jorge Amado; women; stereotype; patriarchy.

## SUMÁRIO

|   |    |
|---|----|
| INTRODUÇÃO  | 8  |
| CAPÍTULO 1 – DESTINO IMPOSTO: MANUTENÇÃO DE ESTEREÓTIPOS                      |    |
| 1.1 Afinal, o que é ser mulher  | 10 |
| 1.2 Patriarcalismo  | 11 |
| 1.3 Molde e Moldura   | 13 |
| 1.4 A história das mulheres   | 15 |
| 1.5 Quebrando barreiras   | 18 |
| CAPÍTULO 2 – A ORDEM E O CAOS: AS MULHERES EM <i>GABRIELA, CRAVO E CANELA</i> |    |
| 2.1 Mulheres subversivas  | 20 |
| 2.1.1 Sinhazinha: a lei cruel   | 21 |
| 2.1.2 Glória: sensualidade e solidão  | 24 |
| 2.1.3 Malvina: busca da liberdade   | 25 |
| 2.1.4 Gabriela: cheiro de cravo e cor de canela                               | 28 |
| 3. Mulheres submissas   | 31 |
| 3.1 Mulheres invisíveis   | 31 |
| 3.2 Mulheres da margem  | 33 |
| CONSIDERAÇÕES   | 35 |
| REFERÊNCIAS   | 37 |

## INTRODUÇÃO

O objetivo do trabalho foi analisar a construção das personagens mulheres presentes na obra *Gabriela, cravo e canela*, destacando os papéis femininos da ficção de Jorge Amado, verificando como estas não conseguem ascensão por si mesmas. São divididas entre as que são voltadas para o lar, como objeto dos maridos, e as que desempenham os trabalhos domésticos ou sexuais dos homens de Ilhéus, principalmente dos coronéis. Ressaltando o olhar do autor, que criticava os costumes que persistiam na sociedade. Jorge Amado era um autor que narrava em seus livros sobre personagens marginalizados, prostitutas, jagunços, comerciantes.

No primeiro capítulo, foi abordado questões que situam o trabalho no contexto das discussões sobre o feminino na época, a questão: o que é ser mulher, para isso buscou-se estudar as reflexões sobre o tema, principalmente no livro *O Segundo Sexo: fatos e mitos* (1970), da escritora Simone de Beauvoir e *Minha história das Mulheres* (2012), de autoria de Michelle Perrot. O breve percurso de leitura visitou as considerações sobre a mulher na perspectiva de autores como Aristóteles, Freud e Tomás de Aquino, na tentativa de conhecer como teve início o patriarcalismo e sua influência no processo de subordinação das mulheres.

A constatação de que o papel que restava à mulher na sociedade patriarcal era o de se adequar ao padrão estabelecido, seguir as regras do que era esperado e exigido da mulher, que muitas vezes limitava-se à reprodução e cuidados com a casa. E assim se dividem as mulheres em duas categorias, mulheres objetos, que reproduzem os estereótipos, e mulheres sujeitos, que buscam romper com os paradigmas, tem vontade própria. Nesse sentido, procurou-se traçar uma breve historiografia das lutas, conquistas e batalhas travadas durante o processo de construção da identidade feminina. E por fim, o papel de Jorge Amado, como educador do povo, usando a ficção para mudar o mundo, sua obra retratando mulheres como personagens principais que buscam construir a própria história.

No segundo capítulo foi analisado as personagens do romance, por isso dividiu, de forma didática, entre os papéis de subversivas e submissas, contando fatos importantes de suas histórias. Sinhazinha é vítima “dos costumes” reforçados pelo patriarcalismo, no qual quem traía o marido deveria ser morta junto com o amante, para lavar a honra do marido. Malvina busca a liberdade e não pretende seguir os passos da mãe. Gabriela que não consegue seguir as regras, como casar e se submeter às vontades do marido. Por outro

lado, era preciso destacar as mulheres invisíveis, as que não têm nome, pois portam o de seus maridos, ou as outras, da margem, que são destinadas a viver nos cabarés, pois não havia outras opções.

Para a construção do trabalho foi preciso uma leitura da obra que nos permitisse destacar as personagens vistas como mulheres sujeitos e objetos, elencar as características de cada uma. Para auxiliar a compreender esses papéis femininos, foi destacada a pesquisa bibliográfica, livros como *Teoria e crítica literária feminista - Conceitos e Tendências* (2007), *A mulher na história do Brasil* (1994), *Emancipação Do Sexo Feminino* (2003), e outros citados anteriormente.

# CAPÍTULO I

## DESTINO IMPOSTO: MANUTENÇÃO DE ESTEREÓTIPOS

### 1.1 Afinal, o que é ser mulher?

Simone de Beauvoir, escritora francesa, feminista e autora do livro *O Segundo Sexo: fatos e mitos*, faz um questionamento “Mas antes de mais nada: que é uma mulher?” (BEAUVOIR, 1970, p. 7), para muitos ser mulher é ter o órgão reprodutor feminino, mas há quem acredite que o fato de ter ovários e útero não determina o Ser mulher, ou seja, nem todo ser humano do sexo feminino é mulher.

Ser mulher vai além dos hormônios e instintos, “mas sim a forma como seu corpo e seu relacionamento com o mundo são modificados pela ação dos outros” (BEAUVOIR, 1970, p. 68) e decreta que nenhum indivíduo nasce mulher, mas se torna mulher, e que existe uma enorme diferença entre ser considerado biologicamente mulher e de ser subjugado pela cultura e se tornar mulher.

O Ser mulher foi conceituado ao longo do tempo como sendo inferior, como define Aristóteles, (apud BEAUVOIR, 1970, p. 10) “A fêmea é fêmea em virtude de certa carência de qualidades”, e ainda completa, “Devemos considerar o caráter das mulheres como sofrendo de certa deficiência natural”, ou seja, a mulher era um homem “não terminado”, um experimento que deu errado. Freud (apud PERROT, 2012, p. 63) vai mais longe, afirma que a mulher sente inveja do órgão genital do sexo oposto.

Para Sto. Tomás (apud BEAUVOIR, 1970, p. 11), “a mulher é um homem incompleto”, a mulher é o Outro em relação ao homem, pois sob o ponto de vista do patriarcalismo a mulher é um objeto que existe para satisfazer o desejo sexual do homem. Questão de alteridade<sup>1</sup>, na qual um indivíduo necessita do outro para sobreviver.

Michelle Perrot, autora do livro *Minha história das mulheres*, escreve que do ponto de vista biológico “Seus humores – a água, o sangue (o sangue impuro), o leite – não têm o mesmo poder criador que o esperma, elas são apenas nutrízes” (PERROT, 2012, p. 63). A afirmação anterior contrapõe a visão de Beauvoir (1970), do ponto de vista das ciências biológicas e sociais não acredita na existência de definições determinadas e/ou estáveis.

---

<sup>1</sup> Bonnici (2007, p. 19) Alteridade (lat. *alteritas*) significa ser o outro ou ser diferente; diversidade. [...] De fato, a construção da identidade do sujeito masculino está intimamente ligada à alteridade do outro feminino.

Para Beauvoir (1970) a mulher é vista como a “escrava” do homem, ou então, a sua vassala e nunca conseguiu compartilhar o mundo em igualdade. Nas leis, inclusive, os homens têm privilégios, principalmente no mercado de trabalho. A divisão de tarefas na sociedade destinou à mulher a casa e o cuidado da família, e isso contribui para a imagem da mulher como objeto que se submete às vontades do sexo masculino, por isso subordinada de maneira econômica e limitada ao ambiente doméstico.

Em sua obra, Aristóteles (apud BONNICI, 2007, p. 25) atribui ao homem a supremacia e à mulher a inferioridade, para ele, a mulher só pode ter como significado a esposa e companheira do cidadão livre, genitora de filhos que serão cidadãos. A causa da opressão da mulher é o seu sexismo e não a classe social, como as escravas eram na época. A mulher livre é vista como um corpo feminino com capacidade deliberativa, mas sem autoridade.

Pode-se perceber essa “inferioridade” no que concerne a área da literatura, há muito mais escritores do sexo masculino a escritoras do sexo feminino, poderia até ser considerado normal se não fosse o fato de que os tempos mudaram e que a mulher não precisa mais se submeter totalmente aos “caprichos” de seus maridos, e cuidar da casa e/ou de seus filhos. A “velha história” de que lugar de mulher é no tanque, ou que precisa casar e ter filhos para ser feliz, está sendo desconstruído lentamente, na sociedade ocidental.

## **1.2 Patriarcalismo**

Segundo Bonnici (2009), o termo patriarcalismo é usado para designar uma forma de organização familiar, originária dos povos antigos, onde o chefe era o centro da instituição social, conhecido como patriarca, seu poder era preponderante e incontestável. O conceito de patriarcalismo se faz presente na maioria das discussões sobre o contexto do pensamento feminista, que envolve a questão da opressão da mulher ao longo de sua história e está totalmente ligado às relações de poder, aos estudos de gênero e de classes sociais. Negar o acesso à cultura e educação ajudou a manter essa posição da mulher na sociedade.

Engels (apud BONNICI, 2007, p. 197) argumenta que o patriarcalismo, a subjugação da mulher, teve origem quando começou a se acumular as sobras econômicas, a causa da opressão feminina surgiu com as propriedades privadas e capitalismo. Outro fator que contribuiu para a subordinação da mulher foi o trabalho reprodutivo, por conta

da limitação física e da responsabilidade de cuidar do bebê. A superioridade é dada ao sexo que mata – os homens iam a caça, matar animais para a alimentação – e não para o sexo que dá a luz.

Sob o ponto de vista da teoria feminista – que contrapõe a ideia sugerida por Engels – Bonnici argumenta que o patriarcalismo é o controle e a rejeição da mulher pela sociedade masculina, visto como algo natural e que está enraizado em nossa cultura.

Millet expõe sua opinião sobre o porquê dessa prática ainda permanecer em nossa sociedade.

A arma psicológica mais efetiva do patriarcalismo é simplesmente sua universalidade e sua longevidade. Praticamente não existe um referente para lhe fazer contraste ou pelo qual poderia ser rejeitado. [...] o patriarcalismo é mais enraizado e tem uma tenacidade poderosíssima para se afirmar como algo natural. (MILLET, 1970, p. 58).

O homem é o sujeito, o Ser, e a mulher o Outro. Beauvoir (1970) se mostra indignada que as mulheres nunca se uniram para lutar contra o patriarcalismo, com isso a hegemonia masculina foi se consagrando por anos e anos. Ainda segundo a autora, sem dúvida é mais fácil lidar com uma servidão cega que trabalhar para se emancipar. Para ela, no momento em que a mulher se recusa a ser o Outro, é preciso estar preparada para recusar todos os privilégios e vantagens que esse “acordo” lhe confere. Talvez por isso muitas mulheres permanecem na “mordomia” e guardem dentro de si essa vontade de ir à luta e se libertar.

Infelizmente o patriarcalismo está tão presente em nossa sociedade, que é perceptível até mesmo em relação aos cânones literários ocidentais, com a dominação dos autores masculinos e a quase exclusão de obras literárias por mulheres. É importante salientar que o sistema patriarcal é constante em todos os sistemas, seja político ou econômico e se faz presente no mundo todo. O sistema patriarcal trata a mulher como um ser insignificante, que não merece atenção.

Houve muitas mudanças ao longo da história, algumas conquistas foram alcançadas por meio de muita luta, as mulheres conseguiram direito ao voto, a trabalhar fora, a opinar em decisões da sociedade, mas sem dúvida é preciso melhorar muita coisa ainda, pois infelizmente estamos cercados de uma sociedade machista, resultado de séculos de patriarcalismo.

Nos dias de hoje não é tão perceptível a disputa hierarquizada entre os sexos, já que a participação feminina se faz presente em quase todo campo da sociedade ocidental.

### 1.3 Molde e modelo

Ao longo da história as mulheres foram vistas e classificadas por meio de estereótipos. Estereótipos são conceitos e/ou definições sobre algo, reproduzidos ao longo do tempo, geralmente baseado em opiniões alheias negativas, depreciativas.

De acordo com Bonnici, “Estereótipos são conceitos, [...] que supostamente tipificam e se conformam a um modelo invariável e carente de qualquer individualidade” (BONNICI, 2007, p. 80). Percebe-se que as representações culturais, classificam e “estereotipam” a mulher, se baseando na sociedade patriarcal.

As mulheres eram julgadas conforme as características “intrínsecas” a seu sexo, ou seja, a ternura, a inocência, o amor ao lar e a submissão. O papel das mulheres em nossa sociedade se limita à sexualidade e à domesticidade. Precisava se adequar ao estereótipo que foi construído ao longo dos anos, da cultura tradicional. Charlotte Brontë mostra esse estereótipo ao escrever sobre Jane Eyre:

É de se esperar que as mulheres sejam muito calmas; contudo, elas têm os sentimentos iguais aos homens. Elas necessitam exercitar suas faculdades mentais exatamente como seus irmãos requerem, elas sofrem de um constrangimento excessivo, de uma estagnação completa, semelhante àqueles que os homens sofreriam; é muito oprimente ouvir seus colegas masculinos dizer que as mulheres devem se restringir a fazer pudins, cerzir meias, tocar piano e a bordar sacolas. Não é justo condená-las, ou pô-las ao ridículo se elas tentarem fazer mais ou aprender mais do que tradicionalmente se concede à sua condição feminina (BRONTE, 2014, p. 111).

Tuchman (apud BONNICI, 2007, p. 198) é radical ao usar a expressão “o aniquilamento simbólico das mulheres”, ela cita como exemplo a mídia, a maneira como ela ignora, exclui, deprecia e marginaliza as mulheres e seus interesses, contribuindo com o estereótipo da mulher esposa, mãe e dona de casa e que esse é o destino delas em nossa sociedade patriarcal. Criou-se a ideia, errônea por sinal, que o homem é mais forte em relação à mulher e por isso tem todos os direitos.

Os comportamentos das mulheres são definidos conforme as características impostas pela sociedade patriarcal. Segundo essa linha de raciocínio existem dois tipos de identidade, a mulher objeto que é vista como submissa, caracterizada pela paciência e falta de voz e de decisão própria. Em oposição, a mulher sujeito vista pela insubordinação aos referidos paradigmas, por seu poder de decisão, dominação e imposição, que segue sua própria vontade. (BONNICI, 2009)

Ellmann (apud BONNICI, 2007, p. 80) enumera onze estereótipos que caracterizam o sexo feminino: informidade, passividade, recato, aceitação, ser bruxa, ser megera, piedade, instabilidade, materialidade, irracionalidade e espiritualidade.

As propagandas criam uma falsa realidade da vida das mulheres, totalmente diferente da representação cultural em que a mulher realmente vive. Bonnici (2007) assegura que a cultura e os meios de comunicação têm uma função importante na construção da realidade das mulheres e as expõem com defeitos ideológicos, são importantes porém não determinantes, a sociedade também contribui para essa imagem, “sua marginalidade na cultura em geral e nos meios de comunicação contribui para a sua situação subordinada” (BAEHR, 1981, p. 149).

Perrot (2012) afirma que o número de mulheres que apanhavam dos esposos era enorme. Os esposos consideravam prática comum bater na mulher e nos filhos, era normal desde que fosse feito com moderação. A vizinhança aceitava essa atitude, especialmente quando as esposas eram consideradas donas de casa “relaxadas”. “O trabalho doméstico resiste às evoluções igualitárias. [...] Ele é invisível, fluido e elástico” (PERROT, 2012, p. 115).

Millet (apud BONNICI, 2009, p. 226) avalia que as narrativas de autores masculinos moldam os romances segundo um direcionamento masculino, constroem as histórias como se todos os leitores fossem homens, ou direciona para que as mulheres, inconscientemente, leiam como homens.

Geralmente nas obras literárias há uma repetição de estereótipos das mulheres, elas são ausentes, representadas pelo encanto, sedução, como objeto sexual, subordinadas e ocupantes dos trabalhos domésticos.

[...] O da mulher sedutora, perigosa e imoral, o da mulher como megera, o da mulher indefesa e incapaz e, entre outros, o da mulher como anjo capaz de se sacrificar pelo que a cercam. Sendo que à representação da mulher como incapaz e impotente subjaz uma conotação positiva; a independência feminina vislumbrada na megera e na adúltera remete à rejeição e à antipatia. (BONNICI, 2007, p. 226)

Discute-se que a forma como a mulher é representada na literatura seja consequência da cultura patriarcal, mesmo que a literatura se posicione com ideologia neutra e sem envolvimento no problema de gênero, “a literatura e a representação da mulher na literatura e a linguagem são interdependentes, sendo essa última moldadora da literatura” (BONNICI, 2007, p. 230).

#### 1.4 Breve história das mulheres

É importante salientar que a história das mulheres foi escrita pelos homens. Beauvoir argumenta que “a mulher é escrava de sua própria situação: não tem passado, não tem história, nem religião própria” (BEAUVOIR, 1970, p. 2).

A mulher no Oriente Médio, durante a Antiguidade, não possuía direitos como pessoa livre, era submissa, devia obediência ao homem, seja ele seu pai ou marido. Era vista como propriedade do marido, por isso somente os maridos podiam se divorciar. A mulher era um instrumento de prazer sexual, às vezes sua principal função. Na Grécia antiga, a mulher tinha basicamente o mesmo status do Oriente Médio, sua responsabilidade estava ligada à criação dos filhos e ao lar, entretanto não lhe era imposta a fidelidade. As mulheres não inspiravam confiança, eram traiçoeiras por natureza. (BONNICI, 2007)

Ainda de acordo com Bonnici (2007) no Império Romano a mulher apresentava uma situação melhor, a liberdade delas – pelo menos em Roma – não possuía restrições. Tinha o direito de se associar aos homens em atividades sociais, jogos, teatro.

A descrição da mulher no antigo testamento era de total subordinação, propriedade, listada com objetos possuídos, e não comia junto ao homem. Participava de celebrações e festas religiosas. Os filhos deviam honrá-la, assim como ao pai. Na Bíblia, no livro de Gênesis, é narrado que Deus criou a mulher da costela de Adão, para ser uma ajudante semelhante ao homem. Elogia-se o trabalho árduo da mulher, tinha liberdade e uma participação considerada ativa. Porém, numa análise mais profunda da Bíblia percebe-se também a inferioridade da mulher, opressão e a vinculação sexual. A Bíblia apresenta algumas ideias opostas, Paulo, em *Primeira Carta aos Coríntios*, registra que as mulheres podem falar e rezar durante a assembleia, na *Segunda Carta a Timóteo* estabelece o silêncio às mulheres e deixa claro a submissão. (BONNICI, 2007)

As mulheres brancas no Brasil Colônia eram criadas para frequentar a igreja, para o casamento, maternidade, serem submissas, não expressarem sua opinião, nem se manifestarem publicamente e aceitar as traições do marido com as escravas. Durante esse período, a educação das mulheres se restringia aos cuidados com as tarefas domésticas e a educação dos filhos, seu tempo deveria ser dedicado integralmente a isso. (PRIORE, 1994)

No Ocidente, a história de luta das mulheres teve início no século XX, em decorrência de agitações sociais e políticas. A mulher, até então, havia sido esquecida,

ninguém se importava em questionar o porquê das mulheres não participarem da história como seres atuantes.

No Brasil Império houve um pequeno avanço, as mulheres começaram a lutar pelo direito de trabalhar no campo, pela educação e política, áreas dominadas pelo sexo masculino. (BONNICI, 2007)

Por muitos anos, as mulheres estiveram ausentes ou desfiguradas na história brasileira. Como em qualquer outra parte do mundo, não se fez justiça ao papel que elas desempenharam no desenvolvimento do país. Pouco se sabe de suas vidas, papéis e experiências no passado, e a própria existência de fenômenos como o movimento pelos direitos da mulher no Brasil do século XIX (HAHNER, 1981, p. 24)

De acordo com Perrot a inferioridade no sexo feminino inicia já no nascimento, é mais glorioso afirmar que nasceu um menino a uma menina, Françoise Héritier (apud PERROT, 2012, p. 42) chama esse fato de “valência diferencial dos sexos”, pelo motivo do valor diferenciado que se atribui aos sexos.

Ainda na infância as mulheres passam mais tempo dentro de casa, sob o olhar dos irmãos. As meninas de famílias mais humildes começam a trabalhar mais cedo, seja cuidando de bebês em outras casas ou nas tarefas domésticas, e isso influencia no fato delas deixarem os estudos. Nos países onde predomina a religião católica a educação das mulheres é bem mais atrasada. A virgindade da moça é exigida e desejada. “Preservar, proteger a virgindade da jovem solteira é uma obsessão familiar e social”. (PERROT, 2012, p. 45)

Em várias sociedades, a invisibilidade e o sigilo das mulheres fazia parte da ordem dos acontecimentos, esta atitude garantia uma cidade tranquila, pois a aparição das mulheres causava medo. O casamento fazia a mulher perder o sobrenome, ao casar a moça perdia o sobrenome do pai e passava a usar o sobrenome do marido.

Em 1960, os pesquisadores das universidades, pressionados pelos movimentos sociais, intuíram a importância de se manifestarem sobre a história dos marginalizados, e, como sabemos, isso inclui as mulheres, negros, e os estudos de gênero. Constatou-se que o capitalismo oprime a mulher tanto quanto o patriarcalismo. As três ondas feministas provocadas pelas mulheres inglesas contribuíram para a luta e, sobretudo para a história das mulheres. (BONNICI, 2007)

Na Era Vitoriana, as mulheres da classe baixa se dedicavam ao trabalho intenso das fábricas, por isso não tinham tempo para o lazer. Durante a primeira onda feminista,

as mulheres eram consideradas de segunda classe, não podiam votar, trabalhar como médicas, advogadas, secretárias em escritórios, assumir cargos administrativos e somente em 1918 tiveram direito ao voto.

A primeira onda feminista no Brasil teve início com o movimento abolicionista, no século 19. Posteriormente a proclamação da república, as mulheres abolicionistas foram à luta pelo direito ao voto, a educação, ao divórcio etc. O direito ao voto foi alcançado em 1932, no Código Eleitoral, e de fato em 1934. Após esta conquista, as mulheres passaram a lutar pela proteção da maternidade e da infância, igualdade nos salários, direitos trabalhistas nas fábricas, direito a cargos públicos. Bonnici (2007) argumenta que a luta pelo voto uniu as brasileiras contra o patriarcalismo.

A segunda onda no Brasil começou por volta de 1972, e teve como objetivo evidenciar a questão feminina, combater o papel subalterno feminino, exigir direitos iguais e a cidadania plena.

As mulheres trabalharam desde sempre, mesmo antes de ser introduzido o sistema de salários na economia industrializada. Fato constante em todas as sociedades, as mulheres preparavam a comida, cuidavam dos filhos e de pessoas doentes, costuravam roupas, etc. Infelizmente um mito ainda a ser quebrado é que o trabalho da mulher é algo natural, que elas apenas desempenham seu papel biológico, que é dar à luz, criar os filhos e cuidar da casa. Todos esses fatos contribuem para invisibilidade do trabalho da mulher e mostra como esse trabalho nunca fora valorizado e nem reconhecido pela sociedade. (BONNICI, 2007).

O capitalismo, sem dúvidas foi uma forma de libertar a mulher, colocá-la para fora de casa, de assegurar o valor do trabalho por meio do salário. Com isso começou a dupla jornada, uma assalariada e outra não. Ficava claro a vantagem salarial dos homens. Como forma de sobrevivência, muitas mulheres comercializavam os serviços domésticos como babá, empregada e até serviços sexuais.

Como mencionado anteriormente, o capitalismo contribuiu tanto para libertar quanto para oprimir as mulheres.

## 1.5 Quebrando barreiras

Jorge Amado de Faria, nasceu em Itabuna, Bahia, em 1912. Amado era um escritor que voltava suas histórias para os marginais, aos quais destacava as atitudes “essenciais” românticas e sensuais.

As figuras dos coronéis, dos jagunços, das mulheres, sejam esposas ou putas, que se repetem nos romances, são símbolos de uma época conservadora, são imagens que se formaram mentalmente e foram objetivadas em imagens, através da literatura amadiana (MASCARENHAS, 2011, p. 112).

Massaud Moisés (1999) divide a obra de Jorge Amado em três fases, pertinentes ao seu curso de vida pessoal - a obra em estudo inicia a terceira fase - contudo Jorge Amado sempre afirmou que nunca houve ruptura em sua carreira como escritor, ele dizia apenas ter evoluído e conseqüentemente adquirido experiência tanto literária como humana.

Amado ainda ressalta que antes de *Gabriela, cravo e canela* ele procurava o herói, e com o tempo percebeu que o importante era destacar o anti-herói, ou seja, as prostitutas, os vagabundos, os bêbados e foram esses os personagens que ele buscou incessantemente retratar em suas histórias. (AMADO, 1981)

Embora as mulheres tenham exercido um papel de submissão, de inferioridade em relação ao homem, algumas obras da literatura brasileira, ajudaram a romper com algumas barreiras dentro do contexto feminino. Representando mulheres em busca de escrever sua própria história, ou melhor, de ter uma história, um destino, seja no campo amoroso ou profissional.

Jorge Amado em sua obra *Gabriela, cravo e canela* conseguiu abordar as duas categorias de mulheres: mulher objeto e mulher sujeito. De certa forma não contribui para a reprodução de estereótipos, pois exaltava personagens femininas transgressoras, que não estavam dispostas a continuar vivendo na sombra de seus maridos, optavam por serem vistas como mulher sujeito e, não mais mulher objeto.

Gabriela é uma reconciliação do romancista com a Bahia, que não deixará de amar, apesar do amargor de saber as suas delícias reservadas para os coronéis, doutores, padres, comerciantes e estrangeiros. Jorge Amado agora esquece este lado que nunca coubera bem na sua ficção e, através do amor de Nacib com Gabriela, compõe um poema de

exaltação à terra. Belo e parcial como toda exaltação. (COUTINHO, 2001, p. 384).

A obra *Gabriela, cravo e canela* finaliza a fase de teor político social frequente nos livros de Jorge Amado. E inicia a fase na qual as representações femininas e as lutas de classe ganham destaque, “é fruto desse momento, reflexo desse movimento de abrir a gaiola e sair voando” (MACHADO, 2006, p. 91).

Durante a leitura da obra, mesmo essa não sendo uma obra feminista, percebe-se a profundidade das representações e das construções de identidades femininas, as características peculiares de cada personagem transgressora, através da emancipação do desejo sexual, profissional e de liberdade. O autor antecipa o feminismo da década de 60, e procurou dar visibilidade e mais espaço para as mulheres.

Retrata na obra *Gabriela, cravo e canela*, personagens como Sinhazinha, Glória, Malvina, Gabriela e as prostitutas do Bataclan, mulheres que buscam fugir do estereótipo imposto pela sociedade patriarcal, agravado pelo coronelismo existente na época, que somente os homens possuíam o direito à liberdade.

No Brasil, a partir dos anos 60 o tema feminismo se faz presente em diferentes áreas de conhecimento, passou a se pensar com mais atenção nas condições das mulheres na literatura, as representações e identidades.

BONNICI (2009) acredita que o feminismo tem mostrado as circunstâncias sócio históricas, assim como os fatores determinantes referentes à posição social da mulher que está representada no universo literário. A transformação da condição de subordinação feminina é o principal objetivo dos debates e palestras que abordam a realidade das mulheres, e que obviamente buscam romper com a ideia errônea, que a mulher ocupa o lugar secundário na sociedade, marcado geralmente pela marginalidade, opressão e paciência.

Ainda de acordo com Bonnici (2009), tudo que envolve o tema mulher, e os direitos delas têm se tornado objeto de estudos de encontros, palestras, cursos, trabalhos de conclusão de curso e teses, inclusive em distintas áreas de conhecimento, especialmente Psicanálise e Sociologia, isso se deve ao desenvolvimento do pensamento feminista, cada vez mais as pessoas percebem a importância de trabalhar com esse tema, olhar ao redor e perceber que muita coisa ainda precisa ser mudada.

## CAPÍTULO II

### A ORDEM E CAOS: AS MULHERES DE *GABRIELA, CRAVO E CANELA*

#### 2.1 As mulheres subversivas

O romance *Gabriela, cravo e canela* (1958), escrito por Jorge Amado, é ambientado na cidade de Ilhéus, mais conhecida como a terra do cacau, que aspira incessantemente pelo progresso. O autor descreve com detalhes a cidade, seus moradores e costumes.

A história tem sua narrativa temporal nos anos de 1925 e 1926, marcada por mudanças sociais, políticas e econômicas que assolavam a região cacauzeira. A cidade vivia o momento econômico de ascensão da exportação do cacau. Ilhéus deixava de ser uma terra sem lei.

A acirrada disputa política entre Mundinho Falcão e o coronel Ramiro Bastos movimentava a cidade, pois estes tinham pontos de vista opostos: o primeiro defendia o progresso como forma de desenvolvimento da cidade, “Mundinho Falcão acreditava no progresso de Ilhéus e o incentivava” (AMADO, 2012, p. 19), já Ramiro zela pelo conservadorismo, pois isso significava a manutenção dos Bastos no poder.

Essa região era dominada pelo coronelismo, o voto servia como moeda de troca por favores prestados, os trabalhadores eram reféns dos coronéis, recebiam o envelope já com o nome da pessoa em quem deveriam votar - o chamado voto de cabresto.

Jorge Amado narra essa sociedade que aspira pelo progresso, porém convive com normas tradicionais impostas, conforme podemos verificar no fragmento transcrito abaixo:

Modificava-se a fisionomia da cidade, abriam-se ruas, importavam-se automóveis, construíam-se palacetes, rasgavam-se estradas, publicavam-se jornais, fundavam-se clubes, transformava-se Ilhéus. Mais lentamente porém evoluíam os costumes, os hábitos dos homens. Assim acontece sempre, em todas as sociedades. (AMADO, 2012, p. 10)

Jorge Amado, ao escrever sobre quatro de suas personagens: Sinhazinha, Glória, Malvina e Gabriela, busca romper com o estereótipo da mulher que tem como obrigação cuidar e educar os filhos, da casa e aceitar as traições do marido. Evidencia as peculiaridades dessas mulheres, e mesmo sob o efeito da ditadura masculina, o patriarcalismo, é possível perceber que a figura da mulher, especialmente Gabriela

descrita como sensual, dona de si, seria uma forma de provocação ao conservadorismo da época.

O autor mostra a mulher como personagem principal em sua obra, sendo representada nas senhoras dos coronéis, nas domésticas, em prostitutas, em “mulheres livres”, ditas solteironas, e as religiosas. Amado também reforça essa imagem de mulher objeto, através das religiosas e das mulheres dos coronéis, vistas como submissas aos maridos, com a ocupação de cuidar da casa, dos filhos, servir a eles sexualmente e aceitar passivamente as traições com as prostitutas.

Fica evidente que o papel da mulher na sociedade é a subserviência aos homens, independente da classe social deles, sejam eles coronéis, comerciantes, professores ou jagunços. Isso se comprova ao longo de toda narrativa.

### **2.1.1 Sinhazinha: a lei cruel**

A história inicia com o caso de Sinhazinha, que era casada com o coronel Jesuíno Mendonça e cometeu adultério com o jovem dentista Osmundo Pimentel. Ao descobrir a traição, o marido mata Sinhazinha e o amante dela com tiros de revólver.

Começou no mesmo dia claro, de sol primaveril em que o fazendeiro Jesuíno Mendonça matou, a tiros de revólver, dona Sinhazinha Guedes Mendonça, sua esposa, expoente da sociedade local, morena, muito dada às festas de igreja, e o Dr Osmundo Pimentel, cirurgião-dentista chegado a Ilhéus há poucos meses, moço elegante, tirado a poeta [...] (AMADO, 2012, p. 9)

Ao saber do ocorrido, os moradores de Ilhéus comentavam a notícia e todos concordavam com a atitude de Jesuíno, pois o marido que ao saber da traição, não matasse a esposa e o amante, era visto como “corno manso”. Era obrigação do esposo matar os traidores, “Porque assim era em Ilhéus: honra de marido enganado só com sangue podia ser lavada”. (AMADO, 2012, p. 87)

A mesma sociedade que clamava pelo progresso, mantinha esse costume ultrapassado, fruto da sociedade patriarcal e reforçado pelo coronelismo, em que a mulher era vista como propriedade do homem. Não era dado à mulher o direito ao divórcio, “a lei ou os costumes impõem-lhe o casamento, proibem as medidas anticoncepcionais, o aborto e o divórcio”. (BEAUVOIR, 1970, p. 79)

Os moradores de Ilhéus não tinham coragem de defender Sinhazinha, de contestar essa justiça feita com as próprias mãos, talvez por concordarem com tal atitude ou por medo de críticas.

Unanimemente davam razão ao fazendeiro, não se elevava voz - nem mesmo de mulher em átrio de igreja - para defender a pobre e formosa Sinhazinha. Mais uma vez o coronel Jesuíno demonstrara ser homem de fibra, decidido, corajoso, íntegro, como aliás à sociedade o provara durante a conquista da terra. (AMADO, 2012, p. 87)

Os habitantes de Ilhéus defendiam a atitude do Coronel Jesuíno Mendonça, ele havia “lavado sua honra”, a errada era a esposa que não honrou seu dever, não foi fiel. Quando a mulher se torna uma “propriedade” do homem, lhe é exigida uma fidelidade e lealdade absoluta, e “enquanto dura essa propriedade privada, a infidelidade conjugal da mulher é considerada crime de alta traição” (BEAUVOIR, 1970, p. 103-4)

A Sinhazinha em uma leitura atual seria vista como “vítima”, no romance é a criminosa, responsável pelo crime. O marido era inocente, não lhe foi dado o direito de escolha. Essa atitude reforçava sua masculinidade.

É preciso levar em consideração o contexto da obra, costumes de 50 anos atrás. A traição por parte da mulher era pior que matar ou roubar, não havia escolha, a morte era a única opção. O trecho a seguir comprova isso: “Comentava-se e discutia-se apaixonadamente a tragédia de Sinhazinha e do dentista. Divergiam as versões do sucedido, opunham-se detalhes, mas numa coisa todos concordavam: em dar razão ao coronel, em louvar-lhe o gesto de macho”. (AMADO, 2012, p. 88)

Na obra, ao comentar o caso de traição, alguns personagens mencionam a lei incontestável, que garantia ao homem o direito de matar a esposa em caso de traição, e no julgamento do crime o esposo quase sempre era absolvido. Conhecida como uma “lei antiga”, que não estava registrada em nenhum lugar, contudo, valia mais que qualquer lei e júri, sobressaía até mesmo a lei escrita que determinava a condenação de quem matava alguém.

A prática acima citada pode ser considerada um costume, com base no livro *A invenção das tradições*, do escritor Eric Hobsbawn, o “costume” nas sociedades tradicionais, funciona como “motor e volante”, não impedindo, nem interferindo nas inovações, e permitindo algumas mudanças até determinado ponto, desde que este seja parecido, compatível ou igual ao anterior. Seu papel é oferecer a qualquer transformação desejada – ou aversão de novidades – “a sanção do precedente, continuidade histórica e direitos naturais conforme o expresso na história”. (HOBSBAWN, 1997, p. 10)

O “costume” é uma prática variável, o que não acontece com a tradição, assim como a vida nas sociedades tradicionais. Não se pode, em hipótese alguma, confundir costume com tradição. A principal característica da tradição é justamente a invariabilidade, os modelos são sempre repetidos, práticas fixadas. Geralmente com a mudança, progresso do “costume” modifica-se a “tradição”. (HOBBSAWN, 1997)

Tonico – “o sedutor mulherengo” - achava a atitude retrógada “Costumes feudais... - pronunciou Tonico Bastos voltado para a dançarina. Aqui ainda vivemos no século passado”. (AMADO, 2012, p. 103)

Ana Maria Machado, escritora carioca, autora do livro *Romântico, sedutor e anarquista Como e por que ler Jorge Amado hoje*, publicado em 2006, ao estudar a obra de Jorge Amado, a escritora aborda a questão da impunidade do assassino, prática comum. Segundo os personagens do romance casos anteriores tiveram esse mesmo desfecho, todos os habitantes de Ilhéus sabem que o assassino será inocentado no julgamento, “como sempre ocorreu com todos os que o antecederam nas mesmas circunstâncias. Todo mundo conhece perfeitamente os costumes locais. Há um monopólio de certezas: sempre foi assim e sempre será”. (MACHADO, 2006, p. 94)

O autor inovou em seu romance ao condenar o Coronel pelo assassinato da esposa. No texto, o coronel é julgado pelo assassinato e declarado culpado.

ALGUM TEMPO DEPOIS, o coronel Jesuíno Mendonça foi levado a júri, acusado de haver morto a tiros sua esposa, dona Sinhazinha Guedes Mendonça e o cirurgião-dentista Osmundo Pimentel, por questão de ciúmes. Vinte e oito horas duraram os debates agitados, por vezes sarcásticos e violentos. Houve réplica e tréplica, Dr. Maurício Caíres citou a Bíblia, recordou escandalosas meias pretas, moral e devassidão. Esteve patético. Dr. Ezequiel Prado, emocionante: já não era Ilhéus terra de bandidos, paraíso de assassinos. Com um gesto e um soluço, apontou o pai e a mãe de Osmundo em luto e em lágrimas. Seu tema foi a civilização e o progresso. Pela primeira vez, na história de Ilhéus, um coronel do cacau viu-se condenado à prisão por haver assassinado esposa adúltera e seu amante. (AMADO, 2012, p. 321)

Este é o fragmento final do romance, não mostra a reação das pessoas ao acontecimento, no entanto prova que o autor ainda não havia abandonado o seu papel de educador do povo, ao mudar o rumo dos costumes e práticas culturais, desejava mudar a opinião das pessoas, para despertar a consciência e promover o progresso. Provocando a reflexão do público leitor, afinal o romance foi publicado em 1958.

### 2.1.2 Glória: sensualidade e solidão

Ex prostituta, moça, mulata e pobre. Foi tirada da vida para ser amante do Coronel Coriolano, ficava à disposição dele sempre que ele voltava da fazenda. A mulher, para ser amante de coronel precisava ser fiel, submissa e estar sempre disponível, em troca recebe uma boa casa, roupas, perfumes, uma vida confortável, com regalias. Tem acesso a bens materiais luxuosos, desta forma o Coronel Coriolano lhe propicia um estilo de vida equivalente ao das mulheres dos coronéis, em troca ela é mantida presa dentro de casa, prisioneira em sua solidão, sem amigos.

Era prática comum dos coronéis manter prostitutas exclusivas para a satisfação sexual, e casar com uma mulher íntegra para formar família e apresentar a sociedade em eventos da elite. As prostitutas “são entre todas as mulheres as mais submissas aos homens e que no entanto, mais lhe escapam; é o que as predispõem a assumir tão múltiplas significações”. (BEAUVOIR, 1970, p. 240)

Mary Del Priore autora do livro *História das mulheres* (1994), discute que no tempo do Brasil Colonial, as mulheres jovens que não possuíam bens materiais e que até certo momento da vida não tivessem casado, procuravam um senhor – independentemente de ser casado – que lhe possibilitasse uma vida confortável. Ser a amante de um homem importante possibilitava a ela uma ascensão econômica que não seria possível de outra forma. A personagem Glória reforça o estereótipo da mulher mulata sensual que serve para satisfazer os desejos sexuais dos homens.

Atraia o olhar dos homens. Gostava de se mostrar na janela de casa com um enorme decote, indiscreta e sensual. Ao longo da narrativa percebe-se que muitos homens a desejam, no entanto eles não têm coragem de se meter com a mulher de Coriolano, visto que anos atrás o Coronel ao saber da traição de Chiquinha, uma antiga amante, mandou bater nela e no amante Juca Viana, “surra de criar bicho”, segundo o autor.

Os cabras entraram pelo quintal, os vizinhos próximos e distantes ouviram novos rumores, toda a rua acordou com os gritos, neutra se reuniu em frente à casa. Foi, segundo contam, surra de criar bicho, no rapaz e na moça; e raspam o cabelo dos dois, de tranças compridas o de Chiquinha, ondedado e loiro o de Juca Viana, e lhes deram ordens, em nome do indignado coronel, de desaparecer naquela mesma noite e para sempre de Ilhéus. (AMADO, 2012, p. 98)

O fragmento citado relata os motivos pelo qual os homens não se atreviam a desafiá-lo.

As mulheres recatadas de Ilhéus, principalmente as mães de família, descreviam Glória como uma afronta. Em algumas passagens do texto, Glória questiona se nenhum homem - de preferência Josué, por quem ela tem uma atração - terá coragem de empurrar a porta e deitar-se com ela.

Ao longo do romance, após Malvina ter rompido com Josué, ele se entregou a essa paixão, no início com todos os cuidados possíveis, para não levantar a menor desconfiança da população. Com o passar do tempo, os cuidados são deixados de lado, até que a história chegou ao ouvido de Coriolano. Todos na cidade levantavam hipóteses do que aconteceria. Entretanto nem o mais criativo dos moradores de Ilhéus poderia imaginar o desfecho dessa aventura amorosa.

Houve um rumor de mesas e cadeiras arrastadas quando Coriolano apareceu na praça, vestido como um pobretão, andando para a casa onde antes habitara sua família e onde agora sua manceba regalava-se com o jovem professor. Cruzavam-se perguntas: estará armado, vai bater de chicote, vai fazer escândalo, atirar? Coriolano metia a chave na porta, a agitação crescia no bar, Nacib andou para a ponta do largo passeio. Ficaram atentos, à espera de gritos, talvez de tiros. Não houve nada disso. Da casa de Glória não chegava nenhum rumor. [...] E não sucedeu. A não ser a saída, porta afora, de braço dado, de Glória e de Josué, andando pela avenida da praia para evitar a passagem ante o Vesúvio movimentado. Um pouco depois, a empregada foi trazendo e arrumando no passeio baús e malas, um violão e um urinol, único detalhe divertido em toda essa história. Sentou-se por fim em cima da mala mais alta e ficou a esperar. A porta foi trancada por dentro. (AMADO, 2012, p. 298)

Percebe-se que o castigo para a infidelidade de uma prostituta não deve ser tão severo quanto de uma esposa, basta que o Coronel largue a amante, e assim fazendo com que ela perca todos os benefícios e regalias proporcionados por ele. De acordo com o livro, os coronéis reservavam a pena de morte somente em casos de traição por parte da esposa. As amantes não mereciam tanto, bastava substituir a amante por outra mulher.

### **2.1.3 Malvina: busca pela felicidade**

A personagem Malvina, mulher jovem, branca, de família rica e tradicional, representa sem dúvida a mulher que estava à frente de seu tempo, por expressar sua

opinião, sua forma de pensar e viver, sem se preocupar com a possibilidade de chocar a sociedade.

Diferente das mulheres descritas no romance, ela deixava claro que jamais seria como a mãe dela, que se mostrava totalmente submissa às vontades do esposo. “Malvina recusa o exemplo materno e a autoridade masculina, rejeita a dicotomia que teimava em só lhe oferecer as alternativas de ser mulher de família ou prostituta”. (MACHADO, 2006, p. 97). A personagem percebe que a vida das mulheres casadas era de total dependência do marido, “sujeitas ao dono”, cita como exemplo a mãe, e classificava essa vida como sendo pior que das freiras.

Não sonhava em se casar, ter filhos, construir uma família, seu objetivo era estudar e trabalhar. Bonnici (2007) alega que a educação no século XIX era uma forma de emancipação da mulher. Malvina, um século depois, ainda lutava para conseguir estudar. No romance, as moças estudavam em escolas de freiras, onde aprendiam a costurar, cozinhar, enfim, cuidar da casa, quando terminavam o estudo, conseqüentemente eram encaminhadas para o casamento.

Chegava um dia o pai com um amigo, acabava o namoro, começava o noivado. Se não quisesse, o pai obrigava. Acontecia uma casar com o namorado, quando os pais faziam gosto no rapaz. Mas em nada mudava a situação. Marido trazido, escolhido pelo pai, ou noivo mandado pelo destino, era igual. Depois de casada, não fazia diferença. Era o dono, o senhor, a ditar as leis, a ser obedecido. Para eles os direitos, para elas o dever, o respeito. Guardiães da honra familiar, do nome do marido, responsáveis pela casa, pelos filhos. (AMADO, 2012, p. 196)

Malvina representa o papel da mulher que lutava para conseguir sua liberdade, não aceita o sistema da época, do patriarcalismo, onde todas as mulheres deviam seguir as ordens e vontades de seus pais e maridos. Mulher de alma independente, que afirmava veemente que não se casaria por casamento arranjado, somente por amor.

A jovem moça amava ler, mesmo obras vistas como imorais, o livro *O crime do Padre Amaro*, de Eça de Queiroz aparece como exemplo de leitura proibida. O trecho abaixo comprova que Malvina não faz questão de seguir as “normas” da época.

Malvina corria com os olhos a prateleira de livros, folheava romances de Eça, de Aluísio Azevedo. Iracema aproximava-se, risinhos maliciosos:

- Lá em casa tem O Crime do padre Amaro. Peguei pra ler, meu irmão tomou, disse que não era leitura pra moça... - o irmão era acadêmico medicina na Bahia.

- E por que ele pode ler e você não? - cintilaram os olhos de Malvina, aquela estranha luz rebelde. - Tem O Crime do padre Amaro, seu João?  
 - Tem, sim. Quer levar? Um grande romance...  
 - Vou levar, sim senhor. Quanto custa?  
 Iracema impressionava-se com a coragem da amiga: - Você vai comprar? O que é que não vão dizer?  
 - E que me importa? (AMADO, 2012, p. 158)

A educação das mulheres era vista como supérfluo, inclusive com certo descaso. Segundo o ponto de vista dos homens, ao sustentar as mulheres sem ensino, leitura, escrita, “reféns” do lar, promoveriam a imposição da superioridade masculina, o que aconteceu até certo ponto da história.

Malvina demonstrava o tempo todo ser fiel a suas vontades e não ter medo de julgamentos alheios, outro exemplo de sua “audácia” é quando ela compareceu no enterro de Sinhazinha, todos os presentes acharam um absurdo a presença da moça naquele lugar, somente João Fulgêncio admirava a atitude dela e afirmava que ela era diferente de todas as outras.

Em relação aos homens, a moça era fiel a sua liberdade e independência, não permitia que homem nenhum lhe dissesse como ser ou agir, nem mesmo seu pai, o Coronel Melk Tavares. Jurava a si mesma, jamais deixaria prender-se por homem algum.

Não olhava para os homens de Ilhéus, [...] Josué a rondava, viera de fora, escrevia sonetos, publicava em jornais. Dedicado à indiferente M..., Iracema lia alto no pátio do colégio. Um dia, quando um marido enganado matou a esposa, Malvina conversara com ele, namoraram uns dias. Talvez, quem sabe, fosse diferente? Era igual. Logo quisera lhe proibir pintura no rosto, amizade com Iracema - é falada por todos, não é amiga pra você -, ir a uma festa em casa do coronel Misael para a qual ele não fora convidado. Tudo isso em menos de um mês. (AMADO, 2012, p. 197)

Por ela se impor contra esse sistema, sofre represália, apanhou brutalmente do pai – que só parou de bater depois que a esposa lhe implorou que não matasse Malvina – mas sem abaixar a cabeça. Malvina confrontou o pai mesmo apanhando muito. Essa atitude foi tomada após ele ser informado do namoro da filha com o engenheiro da barra Rômulo – que era casado – embora a esposa dele vivesse num hospício.

Ela fugiu de Ilhéus e realizou seus sonhos longe dali. Foi embora para São Paulo, trabalhar num escritório e estudar durante a noite, vivia sozinha. Melk Tavares dizia não querer ouvir nada sobre ela e decretava não ter mais filha.

### 2.3 Gabriela, cor de cravo e cheiro de canela

Ninguém, no entanto, fala desse ano, da safra de 1925 à de 1926, como o ano do amor de Nacib e Gabriela, e, mesmo quando se referem às peripécias do romance, não se dão conta de como, mais que qualquer outro acontecimento, foi a história dessa doida paixão o centro de toda a vida da cidade naquele tempo, quando o impetuoso progresso e as novidades da civilização transformavam a fisionomia de Ilhéus. (AMADO, 2012, p. 18)

Personagem principal do romance, mulher livre, não tem ambição pelo casamento, nem por riquezas, gosta de viver a vida com suas próprias regras. Age conforme a vontade dela. Não está disposta a se vender para viver no luxo, uma situação de vida mais confortável. “Era tão bom dormir com homem, mas não homem velho por casa e comida, vestido e sapato. Com homem moço, dormir por dormir”. (AMADO, 2012, p. 165) Opções e propostas não faltaram.

É uma retirante da seca, sem instrução, porém muito trabalhadora. Moça sem identidade, de infância humilde, por ser órfã foi criada pelo tio e tia, foi iniciada sexualmente por ele. Imagem da moça inocente e ingênua, cheia de amor, representa o povo com o seu desejo pela liberdade.

Descrita como uma mulher bonita, morena, tem a cor de canela e o cheiro de cravo, sensual e que desperta olhares e desejos nos homens, “Mas Clemente a via esguia e formosa, a cabeleira solta e o rosto fino, as pernas altas e o busto levantado. Fechou ainda mais o rosto, queria tê-la com ele para sempre. Como viver sem o calor de Gabriela?”. (AMADO, 2012, p. 77)

Gabriela ao chegar em Ilhéus foi empregada por Nacib – chamado por ela de moço bonito – que precisava de uma cozinheira urgente, alguém para arrumar a casa e lavar as roupas. Ele a contratou mesmo sem confiar que ela fosse uma boa dona de casa, por estar extremamente suja da viagem e ser jovem. Logo descobriu que ela cozinhava muito bem, a comida tinha um tempero especial. Ela passou a fazer os salgados que eram vendidos no comércio de Nacib, o bar Vesúvio.

Nacib e Gabriela logo no início se relacionaram, com o tempo ele temeu perdê-la para os coronéis ou juízes, que insistiam em botar casa para ela, assim como fizeram com Glória. Todos os homens da cidade comentavam sobre Gabriela, desejavam possuir a morena, cor de canela.

Gabriela, personagem forte criada por Amado, a imagem da mulher de alma livre, que vê o casamento como uma prisão, mesmo amando seu esposo Nacib, não abre mão

de fazer o que gosta, de viver conforme seus gostos e prazeres. “O herói de Jorge Amado é um homem ou mulher que diz não, um rebelde que não admite os mecanismos representadores da sociedade”. (MACHADO, 2006, p. 74)

Nacib percebendo o risco que corria, com coronéis e juízes rodeando Gabriela, pediu-a em casamento, que hesitou, dizendo que não precisava disso. Mas acabou sendo convencida por dona Arminda.

Uma atitude que chama atenção é que Gabriela não se casa virgem, o tio abusou dela quando criança, e ela já teve outros parceiros antes do casamento com Nacib. Esse fato preocupa Nacib, o que iriam dizer dele? Nacib argumentou que moça para se casar precisava ser pura, “mulher direita”, de “família” e bem educada.

Fácil de dizer quando se trata dos outros. Mas como casar com Gabriela, cozinheira, mulata, sem família, sem cabaço, encontrada no mercado dos escravos? Casamento era com senhorita prendada, de família conhecida, de enxoval preparado, de boa educação, de recatada virgindade. (AMADO, 2012, p. 180)

A virgindade era exigência na época para o casamento, moças que não eram virgens não eram mulheres decentes, manchavam a honra da família, era um escândalo. De acordo com Beauvoir (1970) a virgindade passa a ser exigida a partir do momento que o homem vê a mulher como uma propriedade pessoal, a maneira mais segura de garantir a posse de um bem é evitando que alguém o use.

Na sociedade sexista a virgindade só é exigida da mulher, os homens não são obrigados a seguir esse costume, pelo contrário, geralmente são pressionados a perder a virgindade antes do casamento, com prostitutas. Gabriela é transgressora, exemplo disso é o sexo antes do casamento, algo considerado normal para ela, não se vê presa ao tabu da virgindade feminina. Por que não fazer sexo sem amar o companheiro? Através da personagem Gabriela, Amado busca romper com costumes impostos pela sociedade patriarcal, desconstruir os papéis sociais designados as mulheres.

Pelo fato da moça não ter documentos, Tônico que trabalhava no cartório falsificava-os, assim permitindo o casamento. Gabriela agora para a sociedade tornava-se a senhora Saad. Ela não se adaptou a vida de mulher casada, pois o casamento lhe impôs regras, tornando-a propriedade de Nacib, devia lhe satisfações. A jovem preferia sua vida com Nacib antes do casamento.

Após um período casada, ela traiu o marido com o padrinho do casamento, Tonico. Ao descobrir a traição Nacib não matou os traidores, conforme o costume, não conseguia agir assim. No entanto, bateu em Gabriela, deixando marcas e a expulsou de casa.

João Fulgêncio aconselhou Nacib a cancelar o casamento, declarando que os documentos foram falsificados pelo amante da esposa dele. E assim aconteceu, com a ajuda de algumas pessoas o casamento foi cancelado por falsidade, “por erro essencial de pessoa”. Ambos voltaram a ser o que eram anteriormente “A identidade falsificada é uma chave mestra para a solução da situação, permitindo a anulação do casamento e a fundação de uma nova entidade relacional que reinventa o final feliz” (MACHADO, 2006, p. 66). E assim Nacib conseguiu anular o casamento.

Em várias passagens do romance, Gabriela se mostrou incomodada com o fato de ter que usar sapatos, preferia andar descalça. É como se os sapatos aprisionassem a moça, representando as regras do casamento, as normas da sociedade patriarcal e o cerceamento da liberdade.

O principal motivo do casamento não ter dado certo são as proibições impostas por Nacib, ele tentou educá-la, para que de fato ela se tornasse a senhora Saad. Nacib não compreendeu que Gabriela não nasceu para seguir regras, para ser aprisionada. Em nenhum momento Gabriela sentiu raiva de Nacib por ter apanhado dele, porém se sentia culpada por ter aceitado o casamento.

Bateu nela, estava com raiva. A culpa era dela, por que aceitara casar? Vontade de sair com ele na rua, de braço dado, aliança no dedo. Medo talvez de perdê-lo, de um dia ele casar com outra, mandá-la embora. Foi por isso, certamente. Fez mal, não devia aceitar. (AMADO, 2012, p. 282)

João Fulgêncio – o personagem mais sábio do romance – comenta que Gabriela só faz o que ama, rejeita o que não lhe agrada e complementa “- Para que explicar? Nada desejo explicar. Explicar é limitar. É impossível limitar Gabriela, dissecar sua alma” (AMADO, 2012, p. 282).

Durante uma conversa com Clemente, Fagundes afirma “- Num sei... Pra mim é assim. Tu pode dormir com ela, fazer as coisas. Mas ter ela mesmo, ser dono dela como é de outras, isso ninguém vai nunca ser” (AMADO, 2012, p. 112). Machado (2006) corrobora dizendo que qualquer limite à liberdade contradiz sua natureza, Gabriela não suporta ser aprisionada, independente da maneira, nem que essa condição lhe proporcione alguma vantagem social, como uma boa casa, empregadas, roupas chiques e joias.

As personagens acima analisadas, contribuíram de alguma forma para dar voz às mulheres, o discurso construído por Jorge Amado procura romper com os costumes traçados pelo patriarcalismo, desconstruindo estereótipos.

### **3. Mulheres submissas**

Jorge Amado, além das mulheres transgressoras, constrói a identidade das mulheres segundo os costumes retratados pela sociedade patriarcal, da mulher frágil, voltada para o ambiente familiar. São as esposas, filhas, as solteironas, moças solteiras, prostitutas, etc. Todas elas sofrem de alguma forma a opressão masculina.

As mulheres têm caminhos diferentes definidos, conforme o Coronel Altino Brandão afirma em uma conversa com Mundinho Falcão: há mulheres para casar e as raparigas para diversão. “Pra ter mulher em casa com quem deitar, também pra conversar. Mulher tem muita serventia, o senhor nem imagina. Ajuda até na política. Dá filho pra gente, impõe respeito. Pro resto, tem as raparigas...” (AMADO, 2012, p. 157).

Cito uma passagem onde Perrot (2012) expõe que os homens procuravam mulheres que fossem perfeitas donas de casa, assim mostrando que possuíam boa educação.

A dona de casa perfeita é o modelo sonhado de boa educação, e torna-se um objeto de desejo para os homens e uma obsessão para as mulheres. O caráter doméstico marca todo o trabalho feminino: a mulher é sempre uma dona de casa (PERROT, 2012, p. 114).

As mulheres que almejavam conseguir um bom casamento, precisavam se dedicar nos afazeres domésticos, provando ter a capacidade de se tornarem verdadeiras damas da sociedade, e assim não humilharem o marido.

#### **3.1 Mulheres Invisíveis**

Na obra de Jorge Amado, há a representação da submissão, a partir das personagens irmãs Dos Reis – Quinquina e Florzinha – religiosas e solteironas; Dona Olga Bastos – esposa de Tônico Bastos; Dona Arminda – fofoqueira e bisbilhoteira; e de forma geral as mulheres dos coronéis citadas ao longo da narrativa. O trecho abaixo exemplifica o papel da mulher na vida conjugal, nesse caso da mãe da jovem Malvina, casada com o Coronel Melk Tavares.

Ela nem perguntava escritura de que, se comprava ou vendia, nem procurava saber. Sua festa era a igreja. Melk com todos os direitos, de tudo decidindo. A mãe cuidando da casa, era seu único direito. O pai nos cabarés, nas casas de mulheres, gastando com raparigas, jogando nos hotéis, nos bares, com os amigos bebendo. A mãe a fenecer em casa, a ouvir e a obedecer. Macilenta e humilhada, com tudo conforme, perdera a vontade, nem na filha mandava. (AMADO, 2012, p. 196)

A obrigação da esposa era sempre estar bem vestida, acompanhar o marido nos eventos importantes, ser discreta e educada, e evidentemente frequentar a igreja “- Isso de igreja é coisa para mulheres” (AMADO, 2012, p. 15), cuidar da educação dos filhos, da casa e dar ordens às empregadas.

Ela tem a responsabilidade de zelar pela família e de manter a casa em ordem: arrumação e limpeza da casa ou do apartamento, lavagem e repassagem das roupas, elaboração dos cardápios das refeições, cuidados e educação das crianças, [...] recepções para a sociedade. Uma burguesa, mesmo sendo da classe média, reserva um dia para receber visitas, de maneira faustosa ou modesta, segundo suas possibilidades. Para a mãe de família que tem filhas na idade de casar, é uma preocupação permanente. (PERROT, 2012, p. 116)

Uma das personagens que ilustra essa condição de submissão é dona Olga, senhora rica, herdara a fortuna da família, filha única de viúva. Descrita como uma senhora má educada, de modos grosseiros e “gafes colossais”. Casada com Tonico que vivia a enganá-la. Estava sempre a ameaçar o marido, se algum dia soubesse de uma traição dele, ela faria um escândalo, geralmente brigavam por conta disso. Neste caso mesmo a mulher sendo herdeira de fortuna não lhe garantia a autonomia, nada mudava sua condição de objeto.

Dona Arminda era viúva, parteira, espírita e gostava de palpitar na vida do árabe Nacib. Acreditava ser um absurdo os médicos verem as esposas dos outros nuas, e Nacib respondia que era o progresso que se aproximava. Ela representava a perpetuação da moral patriarcal e dos “bons costumes”.

Dorotéia, descrita como uma mulher áspera, preza pela moral, a personagem critica o fato da casa de Glória, ficar em frente à praça e bem próximo à igreja. Em determinada passagem do romance, Dorotéia ao passar em frente à casa de Glória, vira o rosto, pois segundo a personagem, ao olhar para moça, seria olhar o pecado, ou mesmo o próprio demônio. Ao ter conhecimento do namoro de Malvina com o engenheiro, disse que o demônio estava solto em Ilhéus, era um absurdo a atitude da moça.

Assim como as personagens anteriores, as mulheres que até determinada idade não conseguiram arrumar casamento, são conhecidas como solteironas, prezam pela moral e “bons costumes”, dignas de julgar as atitudes alheias das moças solteiras e das senhoras casadas, por continuarem puras, as irmãs Dos Reis se enquadram nesse estereótipo.

Já as moças solteiras recebiam educação nas escolas de freiras para assim conseguir um bom casamento, com algum homem bem sucedido. Isso pode ser percebido na narrativa da cena do baile, quando o exportador de cacau Mundinho Falcão – melhor partido de Ilhéus – tira Iracema para dançar, “Dona Felícia sorria na cadeira, Iracema concluiria o curso no colégio de freiras no fim do ano, chegava o tempo de casar” (AMADO, 2012, p. 172). A mãe da moça já previa o sucesso da filha em arrumar marido.

Sempre havia algum homem vigiando as moças, seja suas amigas, namoros, leituras, etc. São apresentadas como “A juventude estudiosa, as futuras mães de família. Iracema, Heloísa, Zuleika, Malvina...” (AMADO, 2012, p. 148). Após o fim dos estudos eram encaminhadas ao casamento, não havia escolha, somente os homens podiam continuar os estudos em outra cidade, na capital.

Malvina e Iracema são duas das personagens que se enquadram neste estereótipo, contudo Malvina luta incessantemente contra o futuro que lhe é atribuído, já Iracema se acomoda, não faz nada para mudar o destino que lhe é imposto, descrita como sendo uma moça namoradeira. Em sua primeira aparição no romance é apresentada como sendo a “fogosa morena de namoros falados, no portão do quintal de sua casa” (AMADO, 2012, p. 90).

### **3.2 Mulheres da margem**

As prostitutas aparecem no romance em um único espaço, no cabaré Bataclan. Lá elas se encontram com os coronéis, comerciantes, professores, enfim, com os homens de Ilhéus. Profissão muito antiga, e que se faz presente em quase todos os países, possui um status diferente. A valorização dessa profissão depende da importância que é dada à virgindade das mulheres em determinada sociedade.

Em Ilhéus elas são vistas como figuras marginalizadas por não corresponder aos padrões da sociedade, de ser mãe e/ou esposa. “Sorriu contente, após fechar o bar tocou-se para a casa de Maria Machado. Essa figura tradicional de Ilhéus, a mais célebre dona

de bordel, maternal e de toda confiança, disse-lhe após abraçá-lo” (AMADO, 2012, p. 317).

Um exemplo de marginalização é a personagem Anabela, a dançarina é uma personagem claramente estigmatizada, por sua dança ser considerada imoral pela sociedade de Ilhéus, e não ser aceita em lugares honrados e dignos, que prezava pelo conservadorismo, sua profissão em si não era vista com bons olhos, o Doutor respondia “Terra atrasada. Onde a arte é expulsa para os cabarés” (AMADO, 2012, p. 74) a arte a qual ele se refere é a dança dos sete véus, que caíam um a um, até a dançarina ficar nua. Na noite da apresentação o cabaré ficou lotado. Anabela também presta serviços sexuais aos coronéis.

A prostituta Risoleta, trabalhava no Bataclan, logo ao chegar em Ilhéus despertou o interesse de Nacib “Que mulher, aquela Risoleta! Não que fosse uma beleza, até tinha um olho troncho, mas sabia coisas, mordida-lhe a ponta da orelha e atirava-se para trás, rindo” (AMADO, 2012, p. 32). Os homens a chamavam de zarolha. Com o tempo, após conhecer Gabriela, Nacib não quer mais saber da prostituta, não conseguia suportar os falsos carinhos, manhas e reclamações, e sobretudo a lábia dela para arrancar dinheiro dele.

A rapariga Marta – sustentada pelo Dr Ezequiel há alguns anos – é citada apenas uma vez na história, quando Ezequiel diz que bateu nela, por ela ter se feito de besta. As brigas entre eles eram frequentes. Ela era apaixonada pelo Doutor, “Quanto mais a surrava, bêbedo, mais ela se agarrava a ele, apaixonada, indo buscá-lo nos cabarés, nas casas de mulheres, tirando-o por vezes da cama de outra” (AMADO, 2012, p. 114).

Em sua origem, a prostituição (Perrot, 2012) foi motivada pela solidão e miséria, acompanhada pela exploração do corpo e do sexo das mulheres, visto como forma de progresso ao se limitar à remuneração pelo serviço sexual. As feministas que lutam incansavelmente pela igualdade dos sexos, não possuem uma opinião formada em relação a prostituição, ao longo da história mudaram diversas vezes de julgamento. Num primeiro momento viram à prostituição como uma forma de exploração sexual das mulheres, um século mais tarde elas apoiariam os movimentos de prostitutas.

Ainda hoje ocorre essa divisão, alguns grupos veem a prostituição como forma de alienação do corpo feminino, e por isso são contra a regulamentação da profissão, por outro lado, existe as feministas que defendem o direito de autonomia das mulheres sobre seu corpo, logo elas teriam toda a liberdade de vendê-lo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode se afirmar que Jorge Amado contribuiu significativamente para a Literatura Brasileira, e *Gabriela, cravo e canela*, sem dúvida colaborou para isso. Fazendo uso da literatura para dar voz aos marginalizados, principalmente na região do nordeste, mostrando a importância da Literatura ao retratar problemas da sociedade, e assim despertando o lado crítico do leitor, rompendo com costumes e preconceitos.

Gabriela, é a personagem mais encantadora por retratar a imagem da mulher bonita e sensual, com um ar ingênuo e infantil. Se por um lado, reforça o estereótipo da mulher mulata, por outro, mostra que ela tem autonomia sobre si mesma, não se “vende” por dinheiro nenhum, ao fazer isso ela está afirmando que o seu corpo não está à venda, só dorme com quem ela quiser, por amor ou desejo.

O que chama atenção na obra – e talvez isso contribuía para riqueza dela – são as misturas feitas por Amado, sejam elas religiosas, políticas, sociais ou de identidades nacionais, ao misturar personagens turcos, russos e baianos na mesma história.

A palavra progresso é repetida diversas vezes ao longo da narrativa, os moradores de Ilhéus clamam pelo progresso, entretanto percebe-se que eles não estavam preparados para essa inovação, tanto que eles julgam as atitudes de alguns personagens, principalmente as personagens transgressoras, às vezes julgando como “safadeza”.

Os papéis destinados as mulheres não eram de ascensão, Jorge Amado abordou práticas e normas da sociedade. Ao fim da análise, a única personagem que consegue a ascensão é Malvina, de uma maneira complicada, pois precisa confrontar o pai, sair de casa e fugir da cidade para se realizar como mulher. Em diversos trechos o autor expõe sua opinião na narrativa, na voz do personagem João Fulgêncio, que admira a coragem de Malvina, crítica os costumes e entende o real sentido do progresso.

É perceptível que as mulheres lutaram e ainda lutam para alcançar a igualdade dos sexos. Por meio de pesquisas foi possível ter uma noção – mesmo que breve – do processo de construção da história das mulheres, suas lutas, dores, problemas e destino. Amado escreveu sobre a mulher sensual em uma época difícil, onde elas eram vistas como submissas pela sociedade machista, e precisavam seguir rigorosamente o que lhes era destinado.

Os objetivos definidos foram alcançados, mostrando a forma como as personagens femininas eram vistas, o processo de desconstrução dos paradigmas, abordando a

condição da mulher e suas identidades, consideramos que a metodologia escolhida por meio de pesquisas e livros foi satisfatória para a realização do trabalho.

**REFERÊNCIAS**

AMADO, Jorge. *Gabriela, Cravo e Canela: crônica de uma cidade do interior*. 2ª Ed São Paulo: Companhia das Letras. 2012.

AMADO, Jorge. *Seleção de textos, notas, estudos histórico e crítico e exercícios por: Álvaro Cardoso Gomes*. 1ª Ed. São Paulo: Abril Educação, 1981.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: A experiência vivida*. Trad: Sérgio Milliet. 2ª Ed. São Paulo: Difusão europeia do livro, 1967.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: Fatos e Mitos*. Trad: Sérgio Milliet. 4ª Ed. São Paulo. Difusão europeia do Livro. 1970.

BELLINE, Ana Helena Cizotto. *Representações do feminino*. In: Cadernos de Leitura. Disponível em <<http://www.jorgeamado.com.br/professores/03.pdf>> Acesso em: 20 de julho de 2014.

BRONTE, Charlotte. *Jane Eyre*. 1ª Ed. São Paulo. Editora Martin Claret. 2014

BONNICI, Thomas. *Teoria e crítica literária feminista- Conceitos e Tendências*. Maringá: EDUEM, 2007.

BONNICI, Thomas. ZOLIN, Lúcia Osana (Orgs.). *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3ª Ed. Maringá: EDUEM, 2009.

BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. 37ª Ed. São Paulo: Ed Cultrix. 1994.

COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. Editora Global. São Paulo, 2001. 6ª Ed.

CALIXTO, Carolina Fernandes. *Jorge Amado e a identidade nacional: diálogos políticos-culturais*. In: Tese Dissertação de mestrado – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2011. 171 f. Disponível em: < [www.historia.uff.br/stricto/td/1515.pdf](http://www.historia.uff.br/stricto/td/1515.pdf) > Acesso em: 02 de outubro de 2014.

HAHNER, June Edith. *Emancipação Do Sexo Feminino: A Luta Pelos Direitos Da Mulher No Brasil, 1850-1940*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2003.

HOBBSAWM, Eric. RANGER, Terence. (Org.) *A invenção das tradições*. Tradução de Celina Cardim Cavalcante. 2ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

MACHADO, Ana Maria. *Romântico, sedutor e anarquista: como e por que ler Jorge Amado hoje*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

MASCARENHAS, Anabel Guerra Silveira. *A influência da obra de Jorge Amado nas representações sociais da região cacauzeira*. In: Revista Espaço acadêmico – Nº 126 – Mensal – ANO XI. Novembro de 2011. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/12358>> Acesso em: 19 de agosto de 2014.

MASSAUD, Moisés. *A análise literária*. 11ª Ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1999.

MILLET, Kate. *Política Sexual*. Trad: Alice Sampaio, Gisela da Conceição e Manuela Torres. 1ª Ed. Lisboa: Editora Publicações Don Quixote, 1970.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. Trad: Angela M.S. Corrêa. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2012.

PRIORE, Mary Del. *A mulher na história do Brasil*. 4ª Ed. São Paulo: Contexto, 1994.

PUPPO, Joana D'Arc Martins. *A construção da subjetividade feminina brasileira em Gabriela, cravo e canela na passagem do séc. XIX para o séc. XX*. In: Uniletras, Ponta Grossa. v. 31. n.2, p. 115 – 131, jul/ dez. 2009. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/uniletras/article/viewArticle/1895>> Acesso em: 21 de outubro de 2014.

SANTOS, Joelson Santiago. *Imagens femininas em Gabriela, cravo e canela de Jorge Amado: um estudo de gênero*. N/d. Disponível em: <[www.uefs.br/erel2009/anais/joelsonsantos.doc](http://www.uefs.br/erel2009/anais/joelsonsantos.doc)> Acesso em: 19 de julho de 2014.